

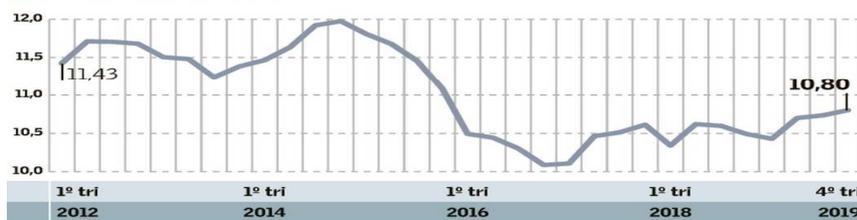
Emprego industrial cresce, mas com baixa qualidade

Resultado do ano passado é 3% maior que o fechamento de 2018

Raio-x

Número de pessoas ocupadas na indústria de transformação

■ Em milhões de pessoas



Fonte: IBGE

3%
foi incremento do emprego na indústria de transformação no 4º tri de 2019, frente ao 4º tri de 2018

715 mil vagas
foram geradas na indústria de transformação desde o 4º tri de 2016

Por Bruno Villas Bôas — Do Rio

O emprego na indústria de transformação reagiu em 2019, após forte queda no ano anterior. Mas a recuperação passou ao largo dos grandes fabricantes do país em geral - foi concentrada em pequenas empreitadas individuais e em postos de trabalho sem carteira assinada. Um recorte feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a pedido do Valor mostra que a indústria de transformação ocupava 10,8 milhões de pessoas no quarto trimestre de 2019, alta de 3% em relação a igual período de 2018. Isso equivale a 310 mil novas ocupações.

Num período mais longo, o levantamento do IBGE mostra que o setor ocupou 715 mil pessoas a mais desde o quarto trimestre de 2016, o fundo do poço da recessão. Porém, o atual nível de emprego segue abaixo do pico histórico registrado no quarto trimestre de 2014, quando ocupava 11,97 milhões de pessoas. Essa recuperação do emprego na indústria foi pouco aderente, no entanto, à fama do setor, de mais formalizado e qualificado, conforme um levantamento da consultoria IDados, que detalhou as novas vagas geradas até o terceiro trimestre do ano passado (período mais recente com microdados disponíveis).

De acordo com o levantamento, 192 mil pessoas ocuparam-se sem carteira assinada na indústria de transformação desde o quarto trimestre de 2016. “As grandes indústrias não empregam informais. Essas são empresas de menor porte, em cargos menos qualificados,

INFORME

com salários menores”, diz Mariana Leite, pesquisadora do IDados. Outras 244 mil pessoas se ocuparam na atividade de transformação por conta própria desde o fim de 2016. São trabalhadores sem patrão e sem funcionários, geralmente realizando trabalhos mais artesanais dentro da própria casa ou em pequenos galpões.

Referência para o levantamento do IBGE e da IDados, a classificação CNAE da indústria de transformação abarca uma ampla gama de atividades, como pessoas produzindo alimentos em casa, confeccionando roupas no domicílio para vender na vizinhança, fabricando pequenos móveis.

O levantamento da consultoria IDados mostra também que a taxa de informalidade do emprego na indústria de transformação bateu recorde, ao atingir 29,1% no terceiro trimestre de 2019, pior resultado da série histórica disponível, iniciada no primeiro trimestre de 2012. Essa taxa permanece, contudo, bem abaixo da informalidade geral da população ocupada. Neste caso, a taxa estava em 43,8% no terceiro trimestre de 2019, pelos cálculos da consultoria. O nível de informalidade total não é o maior da série histórica, registrado no segundo trimestre de 2012 (44%).

Para Rafael Cagnin, economista do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), embora o emprego venha apresentando alguma reação, o quadro ainda preocupa e continua funcionando como importante obstáculo ao crescimento econômico mais vigoroso. “A recuperação do emprego não só é fraca, como vem acompanhada de maior informalidade. Os setores que mais voltaram a empregar pagam pouco e sua remuneração média, em termos reais, está cada vez menor”, diz, em relatório.

Divulgada na sexta-feira passada pelo IBGE, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua mostrou que o mercado de trabalho absorveu 1,295 milhão de pessoas a mais no quarto trimestre de 2019, na comparação com o mesmo período do ano anterior.

Desta forma, a taxa de desemprego do país cedeu para 11% no quarto trimestre, abaixo do registrado no mesmo período de 2018 (11,6%). Foi a maior taxa de desemprego desde o primeiro trimestre de 2016 (10,9%), quando o mercado de trabalho teve uma rápida trajetória de piora. Já a renda mostrou incremento real de 0,4% no quarto trimestre de 2019, frente a igual período do ano anterior, para R\$ 2.340. O resultado representou uma perda de ritmo frente ao trimestre móvel encerrado em novembro, quando havia crescido 1,2%. O avanço mais lento é explicado pela alta da inflação de dezembro.

(Fonte: Valor Econômico – 03/02/2020)

INFORME

ESTADÃO.COM.BR

A Vida com um Salário Mínimo

Com crise, número de brasileiros que ganham até um salário aumentou em 1,8 milhão

Douglas Gavras e Érika Motoda

Em quatro anos, desde o pior momento da recessão, 1,8 milhão a mais de trabalhadores passaram a ganhar até um salário mínimo, segundo dados do terceiro trimestre de 2019, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, do IBGE. A retomada lenta do emprego e a abertura de vagas de menor remuneração ajudam a explicar o aumento entre os que passaram a ganhar até R\$ 998 por mês.

Mesmo ao se comparar 2014, no início da recessão, com o ano passado, o número impressiona: meio milhão a mais de trabalhadores passaram a ganhar, no máximo, um salário por mês. No trimestre encerrado em setembro do ano passado, eram 27,3 milhões de pessoas recebendo até um salário, um terço do total de trabalhadores do País.

Para a economista da consultoria IDados Ana Tereza Pires, que compilou os dados de emprego do IBGE, a pedido do Estado, muito dessa expansão ocorreu pela explosão da informalidade nos últimos anos. “Sem a estrutura básica que os empregos de carteira assinada oferecem para os trabalhadores, os informais ficaram expostos a condições piores e baixas remunerações”, diz.

SALÁRIO APERTADO

Brasileiros que recebem até um salário por mês

EM MILHÕES DE TRABALHADORES,
NO TERCEIRO TRIMESTRE DE CADA ANO



FONTE: PNAD CONTÍNUA, IBGE, COM IDADOS

COMPARANDO-SE
COM O PIOR
MOMENTO DA CRISE,
EM 2015, MAIS
1,8 MILHÃO DE
PESSOAS PASSARAM
A RECEBER ATÉ UM
SALÁRIO

No terceiro trimestre de 2019, eram 20,9 milhões de informais ganhando até R\$ 998 por mês – ante 6,2 milhões de trabalhadores com carteira assinada que tinham essa remuneração no mesmo período. “O aumento da informalidade realmente levou mais trabalhadores no mercado a ganharem menos. As pessoas perderam a proteção que o

3

INFORME

salário mínimo representa e, por sobrevivência, aceitaram a oportunidade que aparecia”, avalia Ana Tereza.

SEM DIREITOS, SEM SALÁRIO

EM MILHÕES DE TRABALHADORES,
NO TERCEIRO TRIMESTRE DE CADA ANO

Formais



EXPLOÇÃO DA
INFORMALIDADE
FEZ CRESCER O
NÚMERO DE
TRABALHADORES COM
BAIXA REMUNERAÇÃO

Informais*



A MAIORIA
DOS INFORMAIS
ACABA GANHANDO
ATÉ UM SALÁRIO

*DADOS NÃO CONSIDERAVAM AUTÔNOMOS

FONTE: PNAD CONTÍNUA, IBGE, COM IDADOS

Sem perspectivas de salários melhores, para quem tentava se recolocar no mercado, a crise também fez crescer o número de trabalhadores com mais anos de estudos e que se viram obrigados a aceitar remunerações menores. Entre os que têm o ensino médio completo, quase 2 milhões a mais passaram a ganhar até um salário entre 2014 e 2019. Dos que têm a partir do ensino superior, foram 509 mil. Muitos deles acabaram tirando o espaço no mercado de quem tinha menos instrução.

DIPLOMA NA GAVETA

EM MILHÕES DE TRABALHADORES,
NO TERCEIRO TRIMESTRE DE CADA ANO

Sem instrução



TRABALHADORES
MENOS
INSTRUÍDOS
SAÍRAM DO
MERCADO

Fundamental completo



Médio completo



Superior completo



TRABALHADORES
MAIS INSTRUÍDOS
ASSUMIRAM
FUNÇÕES DE BAIXA
REMUNERAÇÃO

FONTE: PNAD CONTÍNUA, IBGE, COM IDADOS

INFORME

Em algumas regiões do País, a luta pela sobrevivência com um salário mínimo é ainda mais visível. No Nordeste, 55% dos trabalhadores estão nessa situação. E, após os anos de crise, também houve um crescimento expressivo desses trabalhadores nas Regiões Sudeste, com mais 859,4 mil pessoas nessa situação, e Norte, com aumento de 306,1 mil.

Para Clemente Ganz Lúcio, diretor técnico do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), não há em curso uma política pública que incentive a criação de vagas com melhor remuneração.

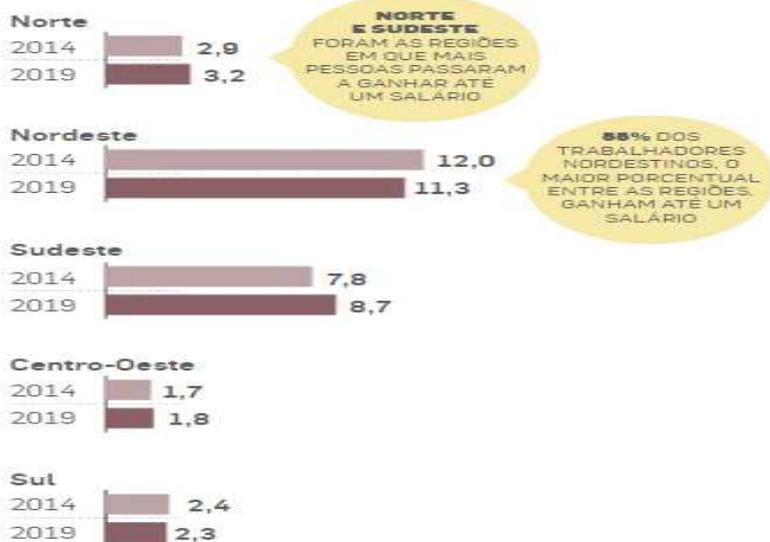
“A principal coisa a ser feita é o incentivo ao desenvolvimento econômico, mas o Brasil está caminhando em sentido contrário. Criou-se a ilusão de que o setor privado sozinho vai dinamizar a economia. Não há exemplos de outros países em que o setor produtivo cumpra o papel do Estado”.

Clemente Ganz Lúcio, diretor técnico do Dieese

Desde 1º de fevereiro, o valor do mínimo é R\$ 1.045. O novo piso, porém, é suficiente para comprar apenas duas cestas básicas e 1 quilo de carne, segundo cálculos do Dieese. O departamento também divulga, mensalmente, o valor do salário mínimo ideal para aquele período. Por exemplo, em dezembro de 2019 – quando o mínimo ainda era de R\$ 998 e os brasileiros sofreram com o aumento do preço da carne – o valor ideal para sustentar uma família de dois adultos e duas crianças seria de R\$ 4.342,57.

SALÁRIO POR REGIÃO

EM MILHÕES DE TRABALHADORES, QUE RECEBIAM ATÉ 1 SALÁRIO MÍNIMO
NO TERCEIRO TRIMESTRE DE CADA ANO



FONTE: PNAO CONTÍNUA, IBGE, COM IDADOS

INFORME

Para o presidente do Conselho de Emprego e Relações do Trabalho da FecomercioSP e professor da Universidade de São Paulo, José Pastore, há pelo menos um “porém” quando se fala em aumento do salário mínimo.

“Temos um problema sério no Brasil: muita coisa indexada ao salário mínimo. Você acaba inviabilizando a economia como um todo.”

Pagamentos como aposentadoria, pensão e Benefício de Prestação Continuada (BPC), por exemplo, são indexados ao salário mínimo.

Ou seja, a parcela mínima desses pagamentos, que são feitos pelo governo, nunca pode ser inferior ao salário vigente.

Por outro lado, o salário mínimo é, em tese, o piso. Então, se esse piso for elevado, teria de elevar também os demais pagamentos, pontuou o professor da FGV e colunista do Estado, Fábio Gallo.

“O salário mínimo é justo? Obviamente que não. Mas o que foi feito na economia nos últimos anos nos levou a essa condição. Se não for feito um sacrifício para arrumar a casa, não vai ter solução”, diz Gallo, que é a favor da reforma administrativa para os três poderes. / **COLABOROU DAVI MAX, ESPECIAL PARA O ESTADO**

(Fonte: Estado de SP – 03/02/2020)